

ÁGUA/SÃO PAULO

Investimentos na preservação de nascentes

Município do Vale do Paraíba já identificou 522 fontes somente na área urbana

JÚLIO OTTOBONI
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Um projeto pioneiro está sendo desenvolvido pela Secretaria de Meio Ambiente de São José dos Campos (SP) e servirá de modelo para preservação de nascentes de água. O programa tem por objetivo principal a identificação de olhos d'água dentro da malha urbana do município e o reflorestamento local, com ampla campanha de preservação ambiental junto à comunidade vizinha.

De acordo com o secretário municipal de Meio Ambiente, Edmundo de Carvalho, o levantamento feito entre março a junho deste ano, numa primeira etapa do megaprojeto, mostrou nesta região 522 pontos de afloramento dentro dos limites do município. As atividades dirigidas à recuperação começaram no dia 21 de setembro nesta faixa situada nos contrafortes da Serra do Mar.

Segundo o estudo, apenas 19 nascentes estão em áreas de domínio público. Embora totalmente cercados pela cidade, esses lugares receberão 21.650 mudas de árvores nativas, todas de espécies específicas da flora existente nestas pequenas concentrações de Mata Atlântica. A tendência é que se tornem parques ecológicos e venham a integrar grandes corredores de



Fotos: Divulgação



Estudantes plantam árvore na vizinhança de uma nascente e recolhem (acima) água para análise

biodiversidade. “A prefeitura dá o exemplo de preservação e valorização da água neste processo de recuperação das nascentes que se encontram na área urbana. Depois partiremos para um trabalho especialmente voltado para os pontos que estão em terrenos particulares”, explicou Carvalho. A expectativa é que na outra parte do município, próxima à Serra da Mantiqueira, o volume de nascentes seja até 20 vezes maior.

A comunidade foi convocada para participar desta cruzada pela preservação da água potável que brota em suas vizinhanças. A bióloga e coordenadora

do projeto, Andréa Sundfeld Penido, tem visitado as escolas das proximidades para divulgar o programa Revitalização de Nascentes. Com material didático destinado aos alunos e professores, ela conseguiu 400 adeptos que funcionam como difusores das ações ambientais para cerca de 3 mil colegas.

Andréa tem recebido inúmeras manifestações de apoio de moradores dos bairros envolvidos na pesquisa. “O envolvimento da comunidade é fundamental. Por isso também chamamos as pessoas que moram nas proximidades para atuar no programa”, observou. A recep-

tividade é boa também nas localidades visitadas pelos técnicos da secretaria municipal.

Entre as atividades educativas estão palestras, análise da água da nascente, distribuição de material pedagógico desenvolvido exclusivamente para a região visitada, maquetes que explicam como se dá o processo de reabastecimento dos aquíferos e, fundamentalmente, a explicação sobre a necessidade de se preservar a água.

“Até o final deste ano devemos já ter plantado cerca de 15 mil novas árvores com a ajuda dos estudantes e eles acompanharão todo esse progresso du-

rante 18 meses”, salientou a bióloga. Um dos focos motivadores deste programa foi o rebaixamento do lençol freático em todo Vale do Paraíba. Em alguns sítios a perda já alcançou a marca de 1,5 metro. O fato preocupa porque somente no lado paulista do vale há atualmente mais de 2 milhões de habitantes, representando a maior conurbação do Sudeste do País depois das grandes regiões metropolitanas de capitais como São Paulo e do Rio de Janeiro.

O processo de desertificação no trecho paulista do Vale do Paraíba vem de muito tempo. O primeiro passo foi o desmatamento no século 19 para o cultivo do café em larga escala. Em seguida, ocorreu a transfor-

mação das fazendas cafeeiras, no começo do século 20, em imensas pastagens para criação de gado à solta.

Outro trauma ambiental veio com a retificação do leito do rio, na década de 1950, pelo Programa Federal de Contenção das Águas do Paraíba do Sul. A medida estimulou o crescimento urbano desordenado sobre antigas áreas de vazante e a drenagem de lagoas. O que sobrou de mata secundária foi dizimado para dar espaço ao plantio de eucalipto.

“A somatória disto tudo resultou na aceleração da queda dos volumes de água no subsolo”, explicou Carvalho. Ele citou vários fatores, “desde o pisoteio do gado compactando o terreno até a diminuição da infiltração de água no solo, como consequência do desmatamento e da impermeabilização promovida pelas cidades”.

A questão ainda passa pelo aspecto econômico atual. O secretário mostra que além do sequestro de carbono promovido pela recuperação das matas, o atual modelo de desenvolvimento existente no eixo Rio-São Paulo ficará inviável caso haja escassez de água ou mesmo a contaminação do Rio Paraíba em seu leito, por algum acidente com produtos químicos das indústrias localizadas nas proximidades de sua calha. “Temos mostrado ao empresário que a inviabilidade do meio hídrico compromete todo o setor produtivo, que necessita cada vez mais de água de qualidade”, reforçou.